



## 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Atualmente, os surdos estão mais atuantes na sociedade, participando, lutando por seus direitos, inclusos nas escolas regulares e um número maior tem entrado no ensino superior. Para compartilhar os conhecimentos nas escolas em que os surdos estão inclusos os profissionais precisam estar capacitados para entender o surdo nas questões: culturais, sociais e linguísticas. A maioria dos sujeitos não surdos tem pouco ou nenhum acesso a Libras, sendo um dos primeiros contatos nas universidades onde o ensino desta língua é regulamentado, sendo obrigatório para a formação destes profissionais.

Em 2002, foi aprovada a lei 10.436 que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como a língua dos surdos brasileiros. Ressalto a importância do Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro 2005, que intensifica a utilização da Língua Brasileira de Sinais, doravante LIBRAS, já que esta língua permeia todas as licenciaturas e opcionalmente os bacharelados na área da saúde, compreendendo, portanto, a obrigatoriedade do ensino de LIBRAS como instrumento disciplinar nos cursos acima descritos.

Apesar do reconhecimento da LIBRAS, como Língua oficial da comunidade surda no território brasileiro, o Brasil ainda é considerado um país monolíngue, língua esta, a Língua Portuguesa, porém com a enorme diversidade de cultura e língua é necessário que se perceba outros sujeitos dentro da sociedade bem como: os imigrantes, as etnias indígenas e os surdos.

O multilinguismo, é cada vez mais comum e a nossa tomada de consciência sobre o fato de que a habilidade de usar duas ou mais línguas além de nossa língua materna parece ser a regra, e não a exceção, se deve, entre outros fatores, à aceleração recente de um processo de globalização cultural e econômica, que aproxima culturas e línguas com uma rapidez e facilidade nunca vistas antes. (MOTA, 2008: 10).

O número de estudantes não surdos é maior, mas há uma grande parcela de surdos ingressando nas universidades. Segundo o Censo IBGE de 2010 Deficiência Auditiva - 9.722.163 são o número de surdos no

Brasil. [...]Segundo a FENEIS, o Brasil tem aproximadamente 5% da população surda total estudando em universidade e a maioria é incapaz de lidar com o português escrito. (FENEIS, 1995: 07, Citado por QUADROS, 1997: 23).

Portanto para atender a demanda de surdos em escolas regulares, de acordo com as políticas de inclusão, e também nas universidades, é necessário que haja um aprendizado por não surdos da Libras, para mediar diversos conhecimentos.

## **2. AQUISIÇÃO DE LIBRAS POR NÃO SURDOS.**

Os filhos ouvinte de pais não surdos tem acesso à língua oral. O Sujeito não surdo tem acesso à língua oral, enquanto os filhos ouvintes de pais surdos, doravante CODA's<sup>3</sup> (*Children of Deaf Adults*) constituem a aquisição deste recurso comunicativo como Segunda Língua, doravante L2. No Brasil, dependendo do contexto, a língua Portuguesa é constituída como Língua Materna, por sujeitos não surdos. Isto ocorre já nos primeiros contatos com esta língua em que todos os recursos linguísticos, sejam eles biológicos ou não constituem a comunicação.

Enquanto ao surdo, o processo não ocorre pelos mesmos canais de comunicação. Os surdos utilizam os canais visuo-espacial como principal forma de se comunicar, as mãos interligadas as expressões não manuais para expressar informações ao interlocutor e os olhos para processar as informações, não em sua totalidade, podemos destacar, o aparelho auditivo. O sujeito com surdez apreende o mundo e nele se expressa, majoritariamente, por meio do aspecto visual. Sua interação com o meio externo, se dá principalmente, pelo recurso espaço-manual. Logo, percebemos que se trata de recursos linguísticos particulares a cada língua, sejam elas orais-auditiva ou visuo-espaciais, respectivamente.

Durante a sua formação, os discente tem o contato com a LIBRAS, mediado por professores surdos e não surdos. A partir desta iniciação na

---

<sup>3</sup> CODA's - Filhos ouvintes de pais surdos

disciplina de libras, os discentes passam a perceber uma língua em que se comunica e entra em contato com os aspectos da mesma.

O acadêmico não parte do pressuposto zero para aprender uma segunda língua, já que parte do conhecimento da L1 é dialogado para a segunda língua (MOTA, 2008: 20). Muitos conceitos os alunos de graduação já trazem consigo para compreender determinados contextos nas línguas de sinais. A aquisição da L1 ocorre de forma natural, já a aquisição da L2 depende de vários fatores bem como: afetividade, esferas em que esta língua é utilizada, metodologia, recursos didáticos e habilidade do docente, sempre buscando as referências na L1, cujas línguas representam a identidade linguística do sujeito.

Algumas estruturas da Libras precisam ser destacadas em consideração ao processo de aprendizagem do acadêmico para que o mesmo consiga com êxito, melhor desenvolvimento função da ideológica à comunicação, principalmente as estruturas sintáticas da Libras, já que esta se trata de uma modalidade viso-espacial.

Segundo QUADROS podemos observar que apesar de as modalidades serem distintas há uma semelhança em seus aspectos principais:

[...] línguas de sinais assemelham-se às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é realizada. (FROMKIN; RODMAN, 1993)

Os surdos e não surdos têm a constituição da sua língua natural. O primeiro utiliza a língua de sinais e o outro a língua oral. Ambos têm internalizado a regras de sua língua. No processo em que ocorre aquisição de L2 são utilizados os princípios de regras de aquisição da L1 para nortear o aprendizado da nova língua.

A crença de que a Libras não é tão complexa ou que sua estrutura é limitada por não haver conectivos outros elementos da língua oral, quando analisado na escrita, não é verídica, já que nessa língua é possível se comunicar e expressar conceitos bem como: política, questões sociais, disciplinas e outros temas complexos, e sua estrutura é tão complexa.

quanto as demais línguas orais e de sinais. Conceitos estes que podem ser explorados tanto nas Libras como na Língua Portuguesa.

Nos primeiros contatos, da maioria dos não surdos, com a língua de sinais ocorre no ensino superior. O mediador do processo da aquisição de L2, durante a formação acadêmica, na figura do professor de Libras, compartilha não apenas a língua de modalidade viso-espacial como também ensina conceitos relacionados aos surdos. Alunos, que não tem contato com o surdo, desconhecem a língua e também a utilização da Libras. É essencial que ensino seja pautado em compartilhar os conhecimentos “desmitificando” algumas crenças.

Não surdos e surdos tem as línguas expressas de forma diferentes, mas uma língua não se sobrepõe a outra, o mesmo ocorre com a competência para se expressar na sua língua. A Teoria Gerativista de Noam Chomsky, citada por Quadros, “permite afirmar que todos os seres humanos, independente dos mesmos usarem a voz ou as mãos, são dotados da faculdade da linguagem”. (QUADROS, 1997: 17).

Os surdos também são dotados desta capacidade de desenvolver a linguagem, e quando o *input* é a língua de sinais, este se desenvolve de forma mais rápida, facilitando não apenas a aquisição da linguagem como também os outros conhecimentos que são compartilhados com esta língua. Nos não surdos o *input* é a língua oral, e nos surdos é a língua de sinais. O aluno não surdo durante o processo de aquisição de Libras como L2 utilizará as referências de regras internalizadas da sua língua para nortear o seu aprendizado na língua de sinais.

Quando a criança é exposta a sua L1, a aquisição ocorre espontaneamente e de forma natural. Diferentemente disso, a aquisição de L2 ocorre em um ambiente artificial e de forma sistemática, observando metodologias de ensino. (QUADROS, 1997: 83).

Ambos os sujeitos, surdos e não surdos têm a capacidade para desenvolver a linguagem, mas é necessário atentar para o período de aquisição. Quanto antes o contato com a L1, maior será a facilidade na aquisição de uma L2.

### 3. ASPÉCTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS

A língua brasileira de sinais é uma língua natural e humana, e assim como as línguas naturais tem os princípios universais. Como em todas as línguas orais e de sinais, a Libras tem os seus diversos níveis e aspectos fonológico, sintático, morfológico, semântico e pragmático.

A partir de 1960, com as pesquisas de William Stokoe, um linguista, observou a modalidade da Língua Americana de Sinais - ASL, muitas pesquisas foram sendo desenvolvidas a respeito das línguas de sinais. Os estudos até então eram focados nas línguas orais. Com esta descoberta tem-se a base para os estudos das línguas de sinais, inclusive a Libras.

A partir destes estudos surgem então os parâmetros nas línguas de sinais. Atualmente os estudos apontam na Libras cinco parâmetros, sendo Configuração de Mão, Movimento, Locação ou Ponto de Articulação, Orientação e Expressões não-manuais.

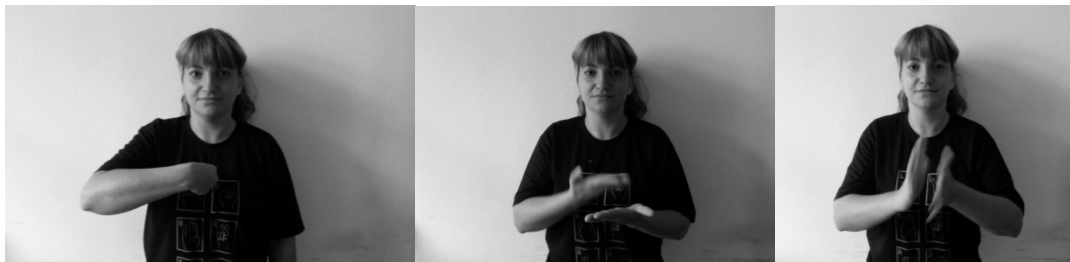
De forma a simplificar os conceitos, as configuração de mão ou CM é a forma que a mão assume para se fazer um sinal. Já o movimento este é o categorizado por (FERREIRA-BRTO, 1990, Citado por QUADROS 2004) como: Tipo, Direcionalidade, Maneira e Frequência. Locação é definida segundo Ferreira (1990, Citado por Quadros, 2004) como “o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados”. Conforme Quadros (2004) “Orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal”. As expressões não-manuais são definidos como “movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco” segundo (QUADROS, 2004).

O discente não surdo aprende os cinco parâmetros da língua de sinais para compreender a constituição dos sinais. Este são aspectos fonológicos da Libras. Já no aspecto sintático o aluno precisa compreender a sequência da ordem dos verbos. Segundo Quadros (2004) a Libras, ocorre uma sequência S. V. O. - Sujeito, verbo e objeto respectivamente. Além das suas variações

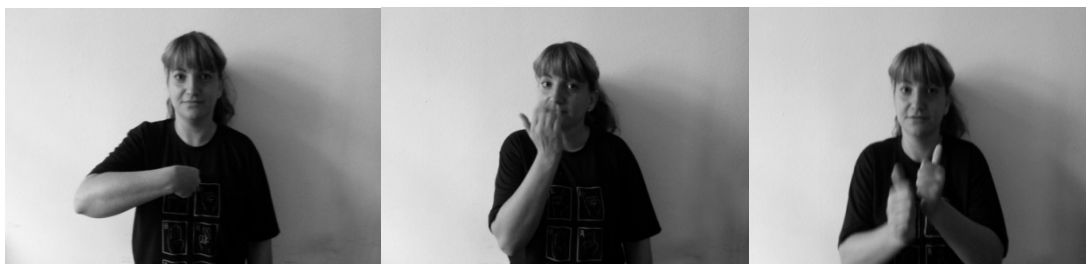
Estrutura sintática em que os alunos não surdos conseguem perceber na língua materna, mas ao traduzir esta estrutura linguística

gramatical a Libras deve redobrar a atenção na utilização do espaço neutro (espaço a frente do corpo), havendo uma melhor utilização da língua de forma coesa a informação ao interlocutor e facilitar o processo de comunicação.

Veja os exemplos nas frases abaixo:



EU ESTUDO LIBRAS. Exemplo 01. Fonte: o autor. Sinalizado por Flávia Augusta.

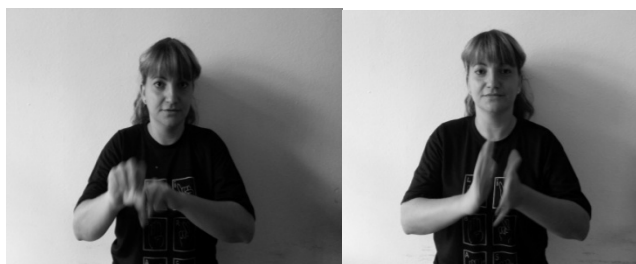


EU COMO ARROZ. Exemplo 02. Fonte: o autor. Sinalizado por Flávia Augusta.

Não haverá problema em traduzir diretamente do português para a Libras, processo este em que poderá ser feito a tradução de sinal por sinal. Nas frases que seguem:



MEU PROFESSOR ME ENSINA LIBRAS. Exemplo 03. Fonte: o autor. Sinalizado por Flávia Augusta.



EU TE ENSINO LIBRAS. Exemplo 04. Fonte: o autor. Sinalizado por Flávia Augusta.

O discente terá que ter o conhecimento da estrutura de que o verbo ensinar é um verbo com concordância, em que o sujeito está incorporado ao verbo. Não havendo a necessidade, por exemplo, de indicar explicitamente com o apontamento do pronome obliquo ME, neste caso o que muda é a direção do sinal. O mesmo ocorre na estrutura EU TE ENSINO, porém a posição da mão muda para indicar que o pronome EU parte da direção de quem ensina para quem será ensinado.

Ao ser iniciado na morfologia e sintaxe da Libras, o aluno de L2 consegue compreender as estruturas e a utilização formal da Libras. Deve se buscar uma melhor metodologia para que o aluno utilize a língua dentro de um contexto e não isolado, para que o aluno não seja incentivado a fazer a tradução de sinal por sinal.

Outro tema recorrente em sala de aula são os mitos da Libras. Alunos não surdos em sua maioria relacionam a língua de sinais como sendo universal, não havendo uma variação, e até mesmo a língua de cada país. Ao acreditar desta forma, o aluno ainda inicial do contato com Libras ainda não consegue fazer uma analogia com as línguas faladas.

Há o pressuposto a ser indicado em sala de aula, de que estas línguas são tão complexas quanto às línguas faladas bem como: o Inglês, o Francês, o Espanhol e as demais. O aluno não surdo observa a estrutura, mas precisa perceber que algumas especificidades ocorrem na diferença da estrutura compara a Língua Portuguesa bem como: gênero (em que se observa a utilização do sinal MULHER/HOMEM para se indicar se o substantivo é feminino ou masculino. Estes são exemplos da Libras em que tem um estrutura diferente na Língua Portuguesa.



O docente também precisa abordar as questões relacionadas aos conceitos históricos e sociais da língua. Nas turmas de iniciação a Libras no ensino superior é frequente a utilização de termos bem como: surdo-mudo ou deficiente auditivo. Termos estes que estão relacionados a medicina, foco dado ao surdo como um “anormal”. Para fazer referência a esse sujeito, a termo mais correto é surdo. Este termo não é pejorativo, como acreditam a maioria dos discentes.

Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que me torna excepcional. (LABORIT, 1994, Citado por GESSER, 1999)

No processo de ensino-aprendizagem mediado por professores a não surdos, deve ser evitado a oralidade ou o uso simultâneo da Libras/Língua Portuguesa, já que como anteriormente citado, as línguas são de modalidades diferentes. O uso da oralidade, no caso mais especificamente da articulação da boca, deve ser apenas ligado a expressões faciais, em que o formato da boca assume formas para dar valoração ao sinal. O aluno, da disciplina da Libras, é essencial que avalie e conseqüentemente descarte suposições da prática oralista, tanto para a sua prática durante a produção de sinais, ou para possíveis indicações para o ensino ao ter o contato com os alunos surdos, optando pelo bilinguismo e descartando as práticas oralistas.

O oralismo, contudo, é uma proposta educacional que contraria tais suposições: não permite que a língua de sinais seja usada nem na sala de aula nem no ambiente familiar, mesmo sendo esse formado por pessoas surdas usuárias da língua de sinais (QUADROS, 1997: 22).

#### **4. DISCIPLINA DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR**

Todo ser humano é capaz de aprender uma, duas ou mais línguas, mas para que este aprendizado ocorra de forma a levar o discente a uma comunicação com o surdo, é necessário analisar algumas questões.

A existência de um órgão mental da linguagem comum a todos os seres humanos fundamenta-se em dois argumentos principais: (i) qualquer indivíduo está apto para aprender qualquer língua do mundo (universalismo) [...] (NAVES; SALLES, 2010: 19)

Atualmente, as disciplinas nas universidades tem uma carga horária de 60 horas, mas para trabalhar os mais variados e complexos conteúdos não tem tempo suficiente para que haja um resultado satisfatório do aprendizado da língua de sinais, os discentes nem sempre tem um contato anterior com a Libras ou com o surdo.

A disciplina de Libras nas universidades é um tema de grandes discussões a respeito da carga horária, sendo necessária uma reflexão sobre os temas abordados, as horas de aula na graduação, o distanciamento da maior parte do sujeito, no processo de aprendizagem, da comunidade surda e a falta de materiais didáticos de algumas específico de algumas disciplinas.

A Libras não é meramente uma linguagem, e para que se tenha uma melhor aquisição da língua, o sujeito no processo de ensino aprendizagem, precisão de exposição a língua, mas 36, 60 e 72 horas não é suficiente para aprender a língua.

[...] fica evidente que o tempo destinado ao ensino de Libras nos cursos de formação de professores não atende as especificidades e exigências dessa língua para uma efetiva comunicação entre o profissional do ensino e seu aluno surdo, levando em consideração as suas disposições legais e peculiaridades. (BENASSI; DUARTE; PADILHA, 2010: 56)

## 5. ÚLTIMAS PALAVRAS

A aquisição de Libras por não surdos durante a sua formação quanto acadêmico é essencial, pois intensifica a utilização da Libras, que se constitui em outra modalidade, e um contato com os usuários da língua, observando aspectos linguísticos e sociais. O ensino de libras visando a comunicação e aspectos sintáticos da Libras, conduz a mudança já em sala de aula, pois acadêmicos ouvintes passam a ter uma maior interação por

meio da língua. Ao mesmo tempo em que o acadêmico no processo de aquisição de Libras como L2, passa a ter autonomia na utilização da língua de sinais.

A relação entre a aquisição de Libras como L2 ocorre não apenas em uma utilização limitada dentro das academias. Os alunos que tem um maior contato com a língua de sinais internalizam este conhecimento e passa então a ter uma maior segurança na utilização da língua e de futuramente contribuir para a mudança na sociedade visando uma formação bilíngue do surdo. Transformação que de fato contribuirá para uma sociedade inclusiva, visando o direito de surdos e não surdos na aquisição da língua e também de conhecimento.

Os estudos sobre a aquisição de língua ainda são incipientes, havendo uma necessidade de mais pesquisas nesta área. Este trabalho é apenas um esboço de uma pesquisa que será retomado futuramente. E poderá servir como fundamentação para outras pesquisas na área.

#### **OBRAS CITADAS**

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; PADILHA, S. de J. *Libras no ensino superior: sessenta horas para aprender a língua ou para saber que ela existe e/ou como se estrutura*. In.: **Revista de Letras Norteamericanas**. V. 5, N. 10, 2012, pg. 45-59

CAPOVILLA, C. F. **Dicionário Ilustrado trilingue-Linguística e Neurolinguística Cognitivas**. USP, SP, 2010.

FERREIRA, L. **Por uma gramática Língua de Sinais**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

KAIL, M. **Aquisição de linguagem**. São Paulo: Parábola, 2013

LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**; Goiânia: Cànone, 2010.

MOTA, M. B. **Aquisição de Segunda Língua**. Florianópolis: 2008

Em:

<[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base\\_disciplina\\_AQUISICAOL2.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base_disciplina_AQUISICAOL2.pdf)> Acesso em 11/09/2014

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos Aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.